

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18. n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	6.º ANNO—VOLUME VI—N.º 480	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	38\$00	18\$00	\$9\$50	\$120	21 DE DEZEMBRO 1883	LISBOA: RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 43
Possessões ultramarinas (idem)	48\$00	28\$00	—	—		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Estrangeiro (união geral dos correios)	58\$00	28\$50	—	—		
Brazil (moeda fraca)	138\$00	78\$00	—	—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Está chamando todas as atenções dos eruditos, dos bibliófilos, dos homens de letras e dos curiosos de escândalo, o leilão da riquíssima livraria do eminente escriptor o sr. Camillo Castello Branco.

O grande romancista escolheu os illustrados editores de Lisboa, Mattos Moreira & Cardosos para dirigirem esse leilão, e a maneira por que elle tem sido feito, prova que a escolha não podia ser mais acertada.

A enorme sensação que o leilão da bibliotheca

de Camillo tem produzido em Lisboa, explica-se, não só pelo valor dos livros que a compõe, muitos d'elles preciosos e alguns extremamente raros, como tambem e principalmente pelo grande interesse litterario e critico das anotações com que o illustre escriptor encheu esses livros, anotações que a muitos d'elles tem centuplicado o valor, a ponto de subirem a preços fabulosos, livros que no mercado tem baixa cotação.

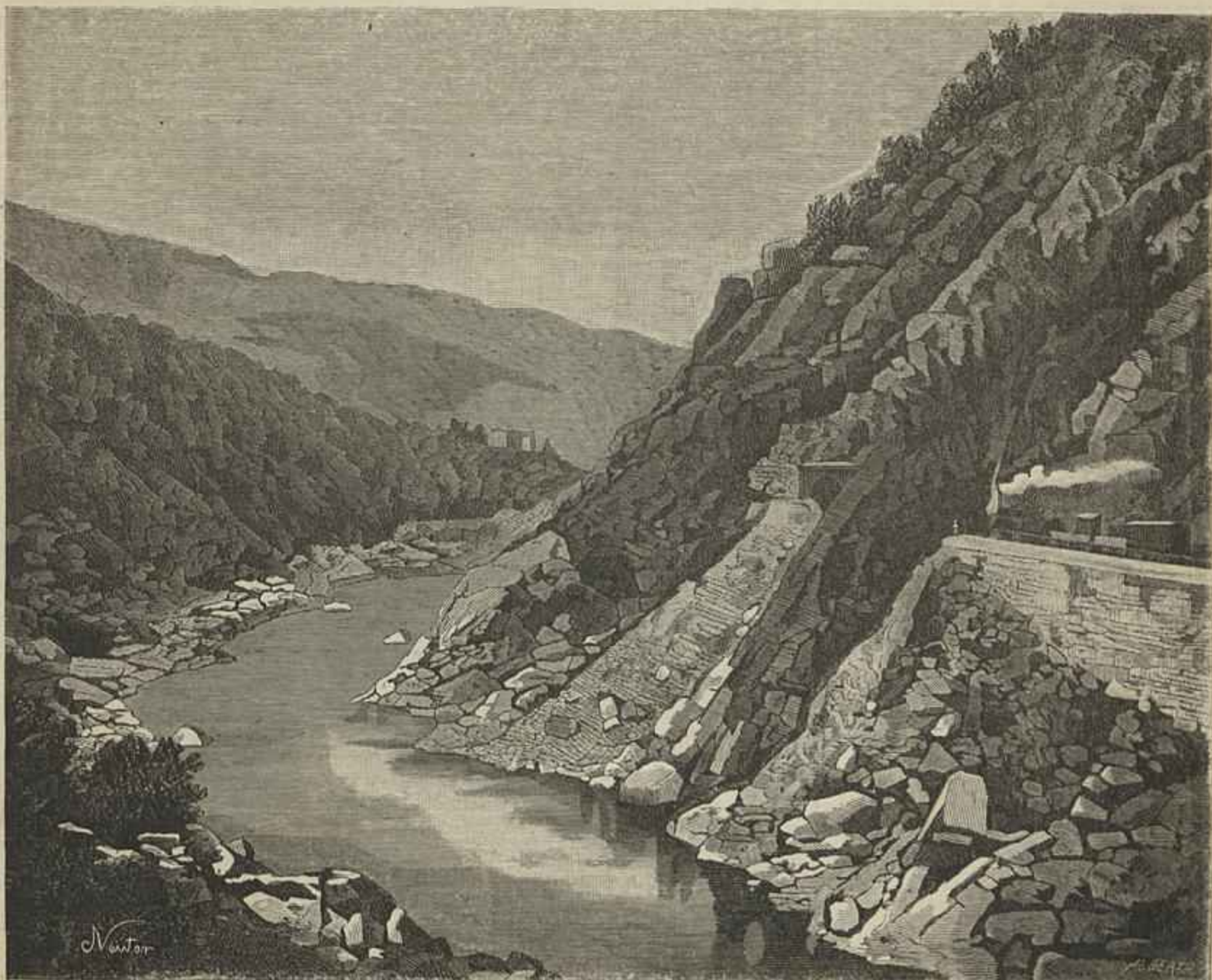
Assim por exemplo, um exemplar do dictionario bibliographico de Innocencio da Silva, cujo preço por assignatura era de dez mil e tantos réis, ven-

deu-se n'esse leilão por 907\$9000 réis, tal foi o interesse que as notas criticas e historicas de Camillo Castello Branco lhe imprimiram.

E a todas estas circumstancias, que bastariam para fazer do leilão da livraria de Camillo, um grande successo litterario, veio juntar-se o escândalo, que fez d'elle um acontecimento lisboeta.

Pensando em voz alta Camillo Castello Branco, diz nas margens de muitos livros tudo o que d'elles pensa e dos seus auctores.

O alto valor intellectual do grande romancista, o seu vigoroso criterio, e a sua extraordinaria veia



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — CAMINHO DE FERRO DO DOURO, TUNNEL DO LOUREIRO
(Segundo uma photographia de Biel)

caustica, dão a essas críticas feitas sem nenhuma preocupação do publico, sem nenhum respeito pelas chamadas conveniências sociais, um tom rudemente sincero e ás vezes brutalmente franco, que enche de alegria os numerosos amadores de escandalo, que ha na nossa terra, e em todas as terras no fim de contas.

Todos gostam de ouvir dizer mal d'alguem, e quando quem diz mal tem a auctoridade enorme do sr. Camillo Castello Branco, e a vehemencia e ao mesmo tempo a graça extraordinarias, que o caracterisam entre todos os criticos de hoje, comprehende-se facilmente o prazer com que toda a gente disputa a posse d'uma d'essas criticas autographas, que lhe permite desancar sem remissão qualquer indifferente, qualquer inimigo e sobretudo qualquer amigo.

Mas nem todas as anotações de Camillo são demolidoras, e quanto mais estas doem, mais lisongeiam as outras, por que são pouco vulgares, por que são feitas por um critico tão illustre, quanto difficil, e porque principalmente representam não o desejo de ser agradável a alguem, mas simplesmente o que um homem como Camillo Castello Branco pensa de si para si ácerca d'um escriptor ou d'um livro.

Essas anotações tem portanto todo o valor de uma glorificação, e é com muito prazer, que entre as notas que a correr tomámos d'alguns dos commentarios escriptos a lapis pelo grande escriptor nas margens d'alguns livros contemporaneos, encontrámos a seguinte, que se refere a um homem de grande merecimento, cujo nome não anda reclamado pelos noticiarios, mas a quem o sr. Camillo Castello Branco faz plena justiça em meia duzia de linhas, que pelo modo como são feitas e por quem são feitas, valem bem longos folhetins elogiosos.

É do frontespicio dos *Quadros da Historia portugueza* do sr. Ignacio Silveira da Motta que copiamos a seguinte apreciação escripta a lapis pelo sr. Camillo Castello Branco:

«Os creditos d'este livro não assentam na approvação que o introduziu nas escolas, pela mesma porta franqueada a outros livros que não parecem sérios. O sr. Silveira da Motta quando escreveu estes quadros, contrahiu com o publico a obrigação tacita de escrever historia mais volumosa e menos de escola. O seu estylo historico amoldado pelas formas graves e correctas dos livros de Alexandre Herculano, parecia destinado a continual o. Não só na linguagem mas ainda no processo de identificação.

«O sr. Silveira da Motta estuda a historia no systema das instituições mais que nos costumes e na physionomia moral, syntheticamente. Esse é com effeito o mais comprehensivel methodo para quem estuda: o outro, o inductivo dos factos, o modernissimo deve ser o complemento da sciencia historica. Raro temos visto exposição mais lucida e, graças á concisão do estylo, tamanha habilidade em condensar grandes quadros em poucas paginas.»

Como vêem nem todas as anotações de Camillo são diatribes: ha tambem algumas que são elogios sinceros que valem por apotheoses.

Continuaram no dia 17 do corrente os trabalhos parlamentares interrompidos por alguns mezes.

O sr. Fontes explicou a ultima crise ministerial, a alliança com os constituintes, a opposição agrediu o governo, o governo replicou á opposição, sem que por enquanto n'essas aggressões e n'essas defezas já esperadas e sabidas tenha havido coisa alguma que faça sensação, já não digo no paiz, mas simplesmente nas galerias.

As camaras continuarão até ao fim do anno, proseguirão logo os seus trabalhos em 2 de janeiro, e só finda a sessão de janeiro a março, ultima da actual legislatura, é que se farão eleições constituintes.

Exactamente agora, no meio da nossa chronica, chegou-nos de Paris um telegramma com uma triste noticia — a da morte do illustre historiador o sr. Henri Martin.

Dos grandes escriptores da França contemporanea era Henri Martin o unico que tinhamos a honra de conhecer pessoalmente.

Era um bello e sympathico velho, de quem o Occidente deu já o retrato, quando ha tres annos elle esteve em Portugal presidindo aos congressos scientifico e litterario. Tinha então já setenta annos, mas as suas faculdades intellectuaes possuíam ainda a robustez da mocidade, a que correspondia tambem uma robustez physica pouco vulgar n'aquella avançada idade, robustez que lhe permitia arrostar com as fadigas das suas viagens scientificas, e que ainda no anno passado foi fallada nos jornaes francezes, quando o illustre velho

sahiu de Paris para a Italia crêmos, á procura de documentos authenticos para os seus importantissimos trabalhos anthropologicos.

Portugal deve grande reconhecimento ao illustre auctor da *Historia popular da França*. Henri Martin foi um dos escriptores francezes que mais se occupou de Portugal; e sempre em termos muito lisongeiros para nós, e fallando das nossas coisas com muito menos erros e muito mais conhecimento de causa do que de ordinario se falla em França, de Portugal.

Parece-nos que o estamos ainda vendo na Academia Real das Sciencias, quando por aclamação eleito presidente do congresso litterario internacional, que alli se inaugurava, elle se levantou para fazer o discurso de abertura.

A simplicidade, o bom humor, a jovialidade envergonhada com que o illustre velho se apresentou captaram logo a estima e a sympathia de todos quantos ouviam e viam pela primeira vez, aquelle grande homem que tinham aprendido a admirar nos seus livros, n'esses livros que lhes deram um dos primeiros logares entre os historiadores contemporaneos.

Que descançe em paz o bom e glorioso velho.

E como uma desgraça nunca vem só, a França ao mesmo tempo que perdeu um dos seus primeiros historiadores, perdeu tambem outro dos seus mais distinctos homens de letras.

O telegramma que nos trouxe a noticia da morte de Henri Martin trouxe-nos tambem a da morte de Victor Laprade o notabilissimo poeta de *Psyché* e de *Pernette*.

Mas continuemos a nossa chronica de Lisboa interrompida por estes periodos de necrologia estrangeira, e como não possamos fallar ainda hoje da *Exposição de pintura* feita nas salas do *Comercio de Portugal*, por esse grupo de talentosos pintores novos que n'estes certames annuaes nos dão conta dos seus trabalhos e dos seus progressos, e pela simples razão de ainda não termos tido tempo de a visitar, fallemos um pouco de theatro e dizemos pouco, não porque os assumptos theatraes não sejam extremamente abundantes, mas porque o espaço que dispensamos hoje para elles é que o não é.

Comecemos por S. Carlos, e tratemos com toda a cautella este theatro, porque a politica apossou-se d'elle, e as chronicas lyricas já tomaram no parlamento o seu lugar de discursos de opposição!

Não é muito facil dizer mal da sr.^a Pozzoni sem passar por progressista, nem dizer bem de Gayarre sem ser alcuñado de regenerador ou de constituinte.

A apreciação da *Africana* precisa ser feita com o mais escrupuloso cuidado, para não ter ares de artigo de fundo de jornal do governo, a critica do *Propheta* arrisca-se muito a ser tomada como uma diatribe opposicionista.

Exnotemos completamente a politica do palco de S. Carlos, como a temos exnotado sempre das nossas chronicas, e digamos com a mais desassombada sinceridade a nossa opinião ácerca dos ultimos acontecimentos lyricos.

Tem sido tres até hoje, os cantores novos escripturados pela administração do governo e uma unica a opera posta em scena, desde que essa administração tomou conta do theatro.

Francamente nem essa opera nem esses cantores mostraram uma grande felicidade da administração do governo na sua escolha, ou justificaram pelo regalo dos nossos ouvidos ou pelo esplendor da epoca lyrica, o sacrificio que essa administração vae custar ao thesouro.

A opera posta em scena, o *Propheta*, de todas as operas de Meyerbeer a mais difficil de montar, teve um desempenho deploravel, e cahiu não com um ruidoso fiasco, porque o publico d'uma severidade extraordinaria para com a empresa do sr. Freitas Brito, está d'uma benevolencia pouco vulgar n'elle para com a administração actual, mas cahiu mansamente, silenciosamente, porque a boa vontade do publico foi impotente para a salvar do seu desastroso desempenho.

Dos tres artistas novos até agora apresentados pela administração do governo apenas uma cantora — a sr.^a Martelli, segundo contralto, agradou geralmente ao publico.

A sr.^a Pozzoni que vinha precedida de grande reputação, não á justificou até agora.

Reconhece-se ainda que foi uma artista distincta, mas esta já em visivel decadencia de recursos vocaes.

Demais a sua estreia na *Aida* foi pouco acertadamente escolhida, porque o triumpho enorme da sr.^a Pasqua fora tão grande, que nem o fiasco igualmente enorme da sr.^a Bellocca conseguiu supplantar na recordação do publico, a ponto de o tornar inoffensivo para a sr.^a Pozzoni.

Esta distincta cantora deve ter sentido logo isso pelo acolhimento frio com que foi recebida pelo publico, — apesar da boa vontade de muitos dos espectadores, e apesar d'algumas phrases bem cantadas pela sr.^a Pozzoni — na grande scena do julgamento no quarto acto.

Era a recordação da sr.^a Pasqua que esmagava completamente a nova Anneris, que apesar do seu glorioso passado, não tem nos seus recursos artisticos actuaes, forças para sustentar lucta com essa recordação gloriosa.

No *Propheta*, até ao fim do segundo acto a sr.^a Pozzoni agradou muito, e teve até uns applausos justissimos no *arioso* de Fidés, que cantou muito bem.

D'ahi por deante porém, o cansasso e a fadiga começaram a manifestar-se e a sr.^a Pozzoni nem na grande scena da cathedral apesar de todos os seus esforços de cantora e de comediante conseguiu triumphar das difficuldades enormes do seu papel.

O tenor o sr. Bertini começou por desagradar desde a sua apresentação mas teve a habilidade de se salvar d'um fiasco ruidoso, habilidade que foi auxiliada pela benevolencia do publico.

Essa benevolencia extraordinaria do publico para com a administração do governo continuou a manifestar-se fóra do theatro, pelo modo como recebeu os preços da assignatura para as recitas do tenor Gayarre.

Como é ainda lembrado de todos, o governo recusou na epoca passada auctorisação ao sr. Freitas Brito para elevar os preços do theatro nas primeiras recitas extraordinarias do tenor Gayarre, que então era uma completa novidade lyrica para Lisboa, e apesar do sr. Freitas Brito se comprometter a dalo, depois d'essas recitas extraordinarias, pelos preços regulares para os assignantes, que tinham uma epoca como raras vezes tem apparecido no theatro de S. Carlos, com a Pasqua, a De Reské e o Barbaccini.

Em vista d'essa recusa inexplicavel do governo, o sr. Freitas Brito que escripturára Gayarre por preço fabuloso — então duvidou-se d'esse preço, mas hoje a elevação extraordinaria da assignatura, aberta pela administração do governo dá-lhe toda a authenticidade — teve que recorrer a uns estratagemas de contractadores para vêr se salvava parte das despesas extraordinarias que lhe acarretára a escriptura do grande tenor.

O publico indignou-se, e apesar de Gayarre ser uma novidade, e cantar com artistas *hors-ligne* como eram a Pasqua e de Reské, o theatro de S. Carlos só uma ou duas vezes se encheu completamente nas noites de Gayarre e pelos preços usuaes do theatro.

Depois d'isto a administração do governo, do governo que não deixára a uma empresa particular, empresa que trouxera ao theatro uma companhia sem rival nas principaes scenas lyricas da Europa, e que se campromettia além d'isso, a dar o celebre tenor nas recitas d'assignatura pelos preços ordinarios, vae este anno escripturar o Gayarre já ouvido em Lisboa com artistas como este anno que o não podem acompanhar, não o dá aos assignantes que nem sequer em compensação tem uma boa companhia lyrica, e apresenta-o por preços fabulosos quasi triplicando os preços actuaes do theatro — pondo as cadeiras de 17200 a 37000 réis!

E o publico acolheu sem protestos, essa elevação de preços e naturalmente paga para ouvir o sr. Gayarre com a sr.^a Pozzoni, o triplo do que com custo pagava para ouvir o sr. Gayarre com a sr.^a Pasqua.

E o sr. Brito pôde dizer bem vingado: «Atraz de mim virá quem bom me fará.»

Nos outros theatros pullulam as novidades: o Principe Real inaugurou a sua epoca completamente reconstruido — uma reconstrução que faz grande honra ao engenheiro, o sr. Candido Moraes, com a sua sala de espectaculos, elegantissima, hoje a mais formosa de Lisboa, e obra d'um pintor decorador injustamente pouco conhecido do publico, mas incontestavelmente de grande talento, e do mais fino gosto o sr. Pereira Junior; o Gymnasio depois da sua grande festa artistica do beneficio de Leopoldo de Carvalho, um artista dos mais illustres de Portugal pelo seu bello talento, pelo seu incansavel estudo, e pelo seu extraordinario zelo e bom gosto como ensaiador, vae apresentar-nos o grande tragico Rossi, e D. Maria finalmente continua as suas recitas enormes com a *Fedora* de Sardon, um successo colossal para Virginia.

Mas o espaço falta-nos e de tudo isto fallaremos mais detidamente na proxima chronica.

AUGUSTO DE CASTILHO

Herdeiro de um nome glorioso, e nascido n'uma familia em que o talento constitue, de paes a filhos, um attributo inseparavel, Augusto de Castilho continua nobremente essas formosas tradições.

Quando em 1857 principiei a conhecê-lo e a tratá-lo no condiscipulato da Escola Polytechnica, onde o seu nome ficou desde as primeiras provas lisonjeiramente conceituado entre os professores, o moço estudante contava apenas dezesseis annos de idade, porque nascera em Lisboa aos 10 de Outubro de 1841.

Começava brilhantemente a realizar-se a prophécia que dezesseis annos antes fizera junto a pia baptismal da freguezia do Sacramento, constituindo-se padrinho do infantil neophyto, um venerando escriptor, amigo intimo de seu pae.

Honra e gloria immortal das letras patrias, tanto o pae como o padrinho, ambos infelizmente adormeceram já entre os cyrestes; para ambos surgiu no horizonte já o sol esplendido da immortalidade. Alexandre Herculano se chamava aquelle a quem Antonio Feliciano de Castilho confiava o nobre encargo de sustê-lo nos braços ante as aguas lustraes o segundo filho que lhe nascera. Alexandre Herculano, ao cumprir o desejo do amigo, prognosticára ao afilhado um porvir brilhantissimo. Não se enganou o horoscopo.

Laureado com distincções na Escola Polytechnica e na Escola Naval, onde estudou com geral applauso de seus professores, aproveitando simultaneamente o ensino de frequentar no primeiro d'aquelles institutos docentes algumas cadeiras não exigidas pelo programma do curso de marinha a que se dedicava, Augusto de Castilho, como aspirante e antes mesmo de findo o tirocinio escolar, acompanhou a expedição naval que no mez de Agosto de 1860 partira do reino a pacificar em Angola graves disturbios.

Foi n'essa viagem que el-rei D. Luiz (então simples official de marinha) travou pessoal conhecimento com o moço aspirante. Rebello da Silva deixou-nos em traços aureos contado esse episodio. Eis como elle se expressa:

«Um dos filhos do nosso grande poeta, o sr. Augusto de Castilho, aspirante de marinha, o qual, sem até hoje ter aproveitado o seu intimo commercio com as musas, as trata e estima como quem sente em si o ardor da chamma divina, teve occasião de observar o muito que ellas mereciam ao gosto delicado do Príncipe. Era em Agosto de 1860: e a corveta *Bartholomeu Dias* entranhava-se pelas solidões do Oceano, em demanda do porto de Angola. Constatou ao Senhor D. Luiz que o novo aspirante, mancebo, e de uma familia em que os dons da poesia quasi se herdavam com o berço, — embora não houvesse produzido ainda os fructos, que a imaginação para bem poucos amadurece logo na primeira juventude, — possuia já contudo o precioso e entre nós rarissimo condão de sentir como nenhum as bellezas do verso, e de as incutir pelo ouvido na alma do seu auditorio por meio de uma recitação tão affectuosa, tão rica de todos os tons e cambiantes, que avivam a fórma do pensamento poetico, que o trecho mais escolhido e admirado, passando pela sua voz parecia novo, ou outro, com tanta verdade e singeleza o expressava, com tão poderosa arte e tão insinuantes modulações sabia graduar-lhe as côres e tocar-lhe os traços!

«Os serões a bordo são monotonos, e muitas vezes doe de véras no coração do marítimo aquelle sonhar acordado por longo espaço sempre com os olhos nas aguas, nas estrellas, e na immensidade, de que o mar, envolto em silencio, e coberto dos véus da noite, é a mais sublime imagem.

«Em que se hade pensar alli senão na grandeza de Deus, senão na terra, nas suas illusões, e nas esperanças que de lá nós acenam, abreviando as distancias, e carregando os sorrisos de promessas?

«Nessas horas, pois, que a idade do infante e a do moço official tornavam ainda mais poeticas, o Senhor D. Luiz convidava o aspirante para a sua camara, e varias vezes, embellidos na leitura das paginas do auctor de *Jocelyn*, ou do cantor das *Folhas de Outono* e das *Odes e Balladas*, emquanto a phantasia lhes voava extasiada, nenhum dos dois advertia a rapidez com que o tempo fugia».

Aqui ha um leve reparo que fazer. Augusto de Castilho não era simplesmente (como diz Rebello da Silva) um entusiastico admirador das bellas-lettras, mas seu provado cultor.

Em 1864, sob o pseudonymo de *Olympio de Freitas*, era o auctor das presentes linhas quem na *Gazeta de Portugal*, por amavel convite de Teixeira de Vasconcellos, redigia em folhetins as *Revistas semanais*. Numa d'ellas, referindo-me á celebre Tedesco, feiticeira *prima-donna* que em

tempos havia feito no theatro de S. Carlos as delicias dos nossos *dilettanti*, dizia eu o seguinte:

«Foi inspirado por ella que pela primeira vez escrevi versos um amigo meu, Augusto de Castilho, moço de grandes esperanças, creança a quem Deus creara poeta desde o berço, e a quem até essa occasião conservára mudo, não sei se o acanhamento, não sei se a desconfiança de si, não sei se a aridez de estudos longos e aturados.

«Mas sei que o coração palpitava-lhe cheio de alvoroço com a leitura das mais apaixonadas estrophes de Lamartine; e não era difficil surprehendê-lo muitas vezes com a alma a transbordar de enthusiasmo e de poesia, posto que os labios permanecessem cerrados e silenciosos, como se lhe não vibrasse tão sentidas melodias a lyra intima do coração.

«Perante aquella musa que lhe surgia risonha, festiva e esplendida, é que o moço poeta não poudo por mais tempo calar a voz d'alma, que lhe rompia n'um hymno fervente de inspiração.

«N'uma recita de beneficio, a creança ebria de enthusiasmo foi offerecer a madame Tedesco os seus primeiros versos, de que eu lamento não possuir copia com que brindar hoje os leitores, primeiros versos que tenho grande receio sejam os ultimos, porque Augusto de Castilho nunca mais depois d'isso tornou a trovar.

«Hoje o moço poeta serve o estado nos palmares da India, como official de marinha que é, depois de haver sido nas escolas de Lisboa um dos mais distinctos alumnos do seu curso».

Nos palmares da India! Nos palmares da India, onde o illustre marinheiro se achava quando eu escrevia aquelles trechos, foi que se lhe desenvolveu e tão productivamente fructificou sua ardente paixão pelas regiões d'além-mar.

Declarado aspirante em 22 de Setembro de 1859, Augusto de Castilho partira aos 18 de Maio de 1861 para a estação naval de Goa, onde aos 2 de Março do anno seguinte recebia a patente de guarda-marinha, e onde o seu provado merecimento deu causa a que o governador geral, conde de Torres Novas, o nomeasse addido á missão portugueza (de que era plenipotenciario o erudito Rivara) para a demarcação (de accordo com uma numerosa e importante missão ingleza) dos limites do padrao portuguez no Oriente.

Durante essa curiosa peregrinação pela India portugueza e ingleza, Augusto de Castilho, se por um lado ia assimilando um peculo vastissimo de conhecimentos e perscrutando com olhos de lynce as condições politicas d'aquellas ricas colonias, por outro lado acompanhava com enthusiasmo o secretario Rivara nas investigações de antiquario, inspirando a este estudioso archeologo a mais sincera sympathia pelo interesse que lhe via tomar em referencia á historia do dominio portuguez na Asia. Fructo das suas aturadas pesquisas, trouxe Augusto de Castilho uma farta colheita de inscrições lapidarias por elle copiadas lá, collecção preciosa que hoje pára em poder de seu irmão, o visconde Julio de Castilho.

E ao mesmo tempo lhe merecia não menos especial diligencia, colligir n'um album, desenhadas por seus lapis, interessantes vistas de quantos monumentos historicos portuguezes se lhe depararam n'essa digressão, venerandos padroes do nosso antigo dominio no Oriente.

Graduado em 2.º tenente da armada aos 24 de Outubro de 1862, o brioso official adquiriu a effectividade n'esse posto em 20 de Abril de 1864; n'esse mesmo anno achava-se elle de volta em Portugal.

Pouco, porém, lhe duraram as ferias no seio de sua familia. Depois de varias viagens que seguidamente effectuou (sendo uma d'ellas ao Brazil), Augusto de Castilho foi nomeado commandante da escuna *Barão de Lafarin*, — e estacionou em Moçambique, onde, aproveitando soflregamente quantos ensejos se lhe offereciam de prestar importantissimos serviços ao Estado, levantou o plano hydrographico d'alguns pontos da costa e de varias barras. Em Moçambique foi que elle principiou a apaixonar-se pelos destinos da Africa. Para elle, homem do futuro, o epitheto devido á Africa não é o de *inhospita*, mas o de *portentosa*. Para elle, a exploração da Africa representa o porvir brilhante das civilizações europeas.

Nomeado successivamente commandante dos vapores *Quelimane* e *Tete*, o nosso biographado veio a encontrar no governo de Inhambane, para onde foi escolhido por decreto de 27 de Agosto de 1874, a primeira occasião de patentear bem clara e praticamente as suas decididas aptidões para a administração das colonias e simultaneamente os profundos conhecimentos que adquirira ácerca das nossas possessões ultramarinas.

Transferido por decreto de 12 de Maio de 1875

para o governo de Lourenço Marques, onde a sua bellissima administração lhe mereceu a distincção de ser reconduzido, — Augusto de Castilho, quando em 1879 regressou á metropole (depois de haver pedido a sua exoneração de governador), Augusto de Castilho que em 31 de Agosto de 1874 recebera o posto de 1.º tenente supra-numerario, e que n'esse posto entrara para o quadro aos 5 de Janeiro do anno seguinte, usava desde 14 de Setembro de 1875 os galões de capitão-tenente.

Eleito deputado ás côrtes, o talentoso official affirmou com vigoroso empenho a sua constante dedicação pelos interesses do ultramar. E não só nas discussões do parlamento e nos trabalhos das respectivas commissões, mas nas lides tambem da imprensa e nas sessões da Sociedade de Geographia, logrou por tal fórma accentuar a sua preeminencia, que hoje o seu voto e conselho em questões de administração colonial é tido na conta de sobremaneira valioso.

Além dos sensatos e substanciosos artigos que sobre o assumpto, com profundissimo conhecimento de causa, ha publicado no *Boletim da Sociedade de Geographia*, no *Jornal das Colonias*, no *Diario de Noticias*, e no *Occidente* (que desde 1880 se honra com a sua proficiente collaboração), — devem-se-lhe os seguintes livros, recebidos com particular acceitação pelos seus conterraneos:

O Zambeze, apontamentos de duas viagens — Conferencia perante a Sociedade de Geographia em 27 de Julho de 1880 (Lisboa, 1880 — in-8.º de 63 paginas); *O districto de Lourenço Marques no presente e no futuro* — Breves apontamentos lidos na Sociedade de Geographia (Lisboa, 1880 — in-8.º de 46 paginas); *O Transvaal e o dominio inglez* — Memoria por George Pigot Moodie, traduzida e lida na Sociedade de Geographia em 8 de Abril de 1880 (Lisboa, 1881 — in-8.º de 52 paginas); *O districto de Lourenço Marques no presente e no futuro* — (Lisboa, 1882 — in-8.º de 230 paginas).

Este ultimo volume constitue um copioso desenvolvimento das materias tratadas n'aquelle que dois annos antes o erudito escriptor publicára sob titulo igual.

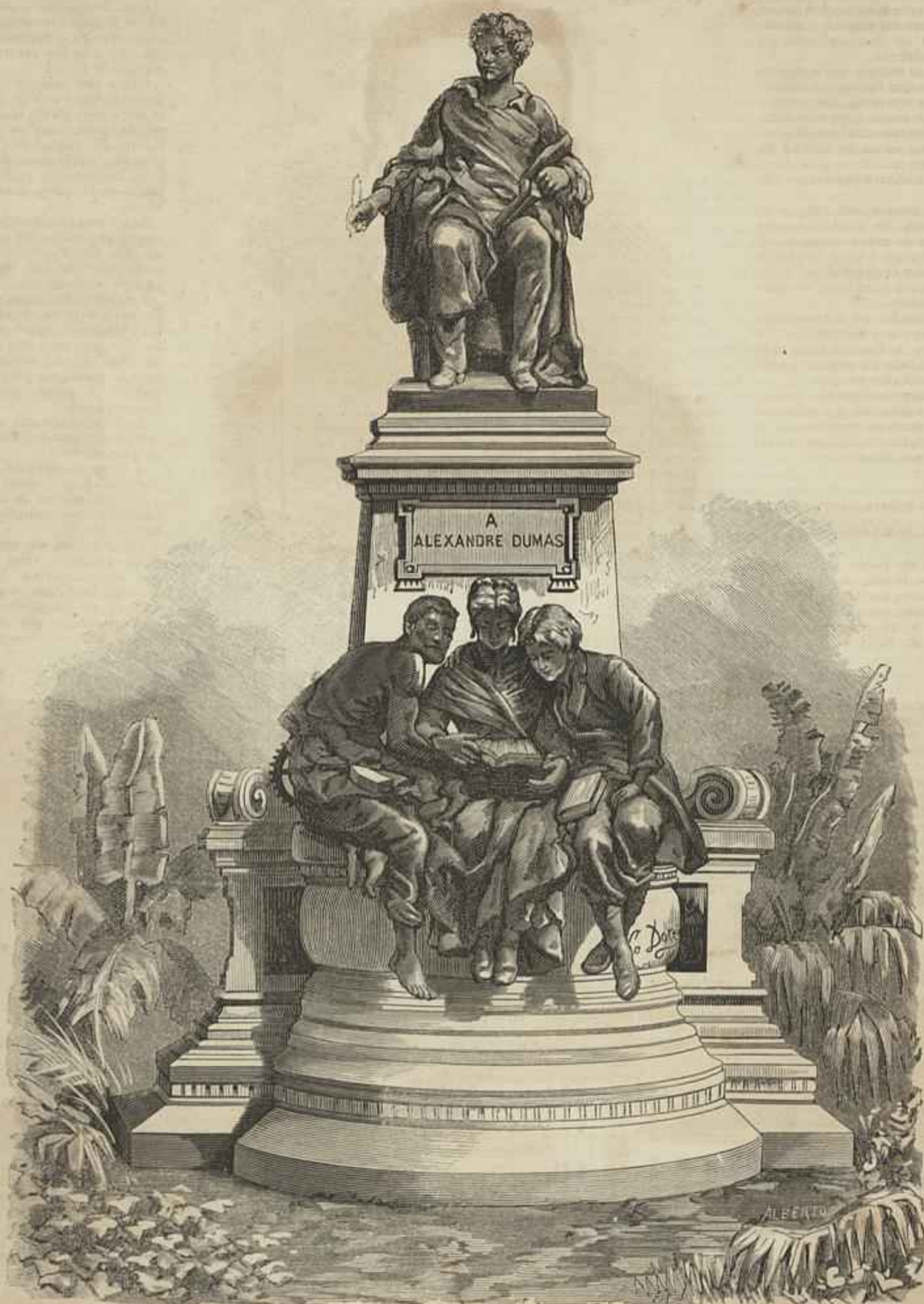
E a par d'estes trabalhos importantissimos sob o ponto de vista politico-administrativo, — tanto mais curiosos e momentosos, por isso mesmo que dizem respeito a assumptos da mais palpitante actualidade, — Augusto de Castilho, obreiro infatigavel em meio d'aquella apparente serenidade, que engana quem de perto o não conhece, porque na sua exaggerada modestia pretende muitas vezes até esconder as lides multiplas em que sem descansar labora constantemente a prodigiosa actividade do seu brilhante espirito e da sua robusta intelligencia, — Augusto de Castilho encontrou ainda tempo de sobejo para não pôr de parte as lucubrações litterarias, que já nos seus primeiros annos, embora escondidamente, e apesar da austeridade com que profundava os assumptos do seu curso scientifico, lhe serviam de grato e voluptuoso enlevo. Augusto de Castilho que entre outros idiomas conhece primorosamente o inglez, traduziu para esta lingua alguns dos romances historicos de seu padrinho, os quaes se espera que brevemente vejam a luz publica em Londres. D'est'arte, seguindo as tradições litterarias da familia, e concorrendo para vulgarizar na Inglaterra os monumentaes escriptos do inlyto historiador, tributa elle um dos mais valiosos preitos de homenagem á gloriosa memoria de Alexandre Herculano.

Commendador na ordem de Christo, e na de Aviz (onde anteriormente havia por seu comportamento e serviços recebido o grau de cavalleiro), cavalleiro tambem da Legião de Honra (por notaveis serviços que prestou no alto mar a um navio francez), e condecorado com as medalhas de comportamento exemplar e campanha de Angola, — Augusto de Castilho, com cujo retrato hoje se ennobrecem as columnas do nosso jornal, foi ultimamente nomeado para, em commissão estudar os melhoramentos possiveis nos portos da provincia de Moçambique, e no desempenho d'essa delicada tarefa se acha presentemente.

Determinar aonde chegará, na historia dos portuguezes notaveis, o nome de Augusto de Castilho, — ao futuro compete.

Mas o que afoitamente desde já se nos patenteia, é que os singularissimos dotes intellectuaes e moraes que o distinguem, a sua integridade de character, a sua nobreza de sentimentos, o seu talento, a sua illustração, a sua consciencia, a sua boa-fé, a sua boa-vontade, a sua energia, a vasta e profunda noção que possui (como talvez nenhum outro) das nossas possessões ultramarinas, o recommendam para occupar os mais altos cargos politicos, contribuindo eficaz e poderosamente para a gloria do nosso paiz e para a prosperidade das colonias portuguezas.

Xavier da Cunha.



MONUMENTO A ALEXANDRE DUMAS, INAUGURADO EM PARIS A 11 DE NOVEMBRO DE 1883

AS NOSSAS GRAVURAS

CAMINHO DE FERRO DO DOURO

TUNNEL DO LOUREIRO

A gravura que publicamos na primeira pagina d'este numero, faz parte das obras d'arte do caminho de ferro do Douro, a respeito do qual prin-

ciplámos a publicar em o numero antecedente, um artigo descrevendo e historiando esta importante linha ferrea.

Nos numeros subsequentes do Occidente publicaremos a continução d'este artigo e ahi encontrará o leitor a descrição das diferentes obras d'arte do caminho de ferro do Douro de que iremos publicando gravuras.

O MONUMENTO A ALEXANDRE DUMAS

Inaugurou-se no dia 11 de novembro ultimo, na praça Malesherbes, perante numerosa assistencia, e com toda a solemnidade d'uma homenagem nacional ao grande romancista dos *Tres Mosqueteiros*, o monumento a Alexandre Dumas.

A estatua de Dumas que corôa esse monumento

está immensamente parecida com o grande romancista e o estatuario conseguiu reproduzir com felicidade a physionomia risonha e intelligente cheia de fina bonhomia do immortal escriptor.

Na base do plintho que supporta a estatua ha tres figuras contemporaneas: um operario, um rapaz e uma mulher lendo com vivo interesse os romances celebres do mestre que tanta sensação fizeram na França e no mundo e cuja fama dura ainda e durará por longos annos.

Atraz da estatua está a figura de Artagnan, um dos mais populares personagens do grande romancista.

O monumento é obra do potente desenhador Gustavo Doré fallecido ha pouco, e foi feito por subscrição publica.

A inauguração do monumento, assistiu tudo o que a França tem de mais illustre, e Dumas filho, que teve a felicidade de assistir á apothese do seu glorioso pae.

Pronunciaram-se muitos discursos e alguns notaveis, e á noite nos principaes theatros representaram-se peças de Dumas, pae, e recitaram-se poesias allusivas.

BRAZIL. — BAHIA, ALFANDEGA E ELEVADOR

A cidade da Bahia é a mais importante do Brazil, depois da do Rio de Janeiro, capital do imperio.

Está situada em 12° 55' 40" latitude, e 40° 50' 23" longitude O, 200 kilometros ao N. N. E. do Rio de



AUGUSTO DE CASTILHO — (Segundo uma photographia)

Janeiro e 750 kilometros ao S. S. E. de Pernambuco.

Esta florescente cidade é a capital da grande provincia da Bahia e a sua riqueza é importante, por ser um dos maiores centros de commercio do Brazil.

Como tem acontecido a quasi todas as cidades e villas do florescente imperio, a Bahia tem progredido rapidamente, com os grandes recursos de que dispõe, realisando grandes melhoramentos municipaes, levantando edificios importantes quer particulares quer publicos.

Entre esses melhoramentos o não menos importante foi, a construção de um elevador hydraulico para communicação facil da cidade baixa com a cidade alta.

Este elevador, cujas obras principiaram em 17 de outubro de 1869, foi inaugurado em 8 de dezembro de 1872, por uma empresa particular, que o está explorando, com grande vantagem para si e para o publico a quem offerece grande commodidade.

Está calculado que o movimento annual do elevador é de um milhão de passageiros.

A torre do elevador, que se vê na gravura, mede aproximadamente, cincoenta metros de altura, e cada ascensão dos camarins faz-se em um minuto.

Os camarins são dois e cada um póde conduzir vinte passageiros, que se transportam da rua da Alfandega, na cidade baixa, á praça do Palacio, na cidade alta.

A alfandega, que se vê no primeiro plano da nossa gravura, é um



BRAZIL. — BAHIA, ELEVADOR E ALFANDEGA — (Segundo uma photographia)

edificio importante e tem o movimento enorme de quasi todas as alfandegas do Brazil, onde a par da importação que se faz de quasi todos os artigos necessarios á vida, em consequencia do limite da industria nacional, se faz grande exportação dos productos agricolas que constituem a riqueza do imperio.

O Theatro da Rua dos Condes

(Concluido do n.º 179)

Nos primeiros tempos da gerencia da Associação foi director de scena o actor brasileiro Arcias, que se estreára em Lisboa no Gymnasio, recebendo uma entusiastica ovação Segundo reza a chronica, esta recepção não ficou muito barata á algebeira do artista. Não quer isto dizer que Arcias não tivesse merecimento. O publico da Rua dos Condes festejou-o muito nos dramas *Cásimo*, *O meridiano*, e em outros mais.

Na companhia primeiro escripturada por esta empresa estiveram os actores Simões, Brea, Cesar de Lima, J. C. dos Santos, Rodrigues, Marcolino, José Vicente Pires, Rollão, Faria, e as actrizes Anna Cardoso, Luiza Leopoldina Fialho, Josephina Cordal, Maria da Luz, Carlota Vellozo e Maria do Ceu. Alguns d'estes artistas foram depois para o theatro de D. Fernando, e na Rua dos Condes ficaram os seguintes: Simões (ensaiador), Pinto de Campos, que principiára ali a sua carreira theatral poucos mezes antes, Augusto, hoje escripturado no theatro da Trindade, Gertrudes Saraiva, Felicidade, Carolina Xavier, Cordal, Margarida Xavier, etc.

Eram, como dissemos, as comedias phantasticas o genero de peças predominante, por aquelle tempo, na Rua dos Condes.

Quasi todas as que ali se representaram foram traduzidas ou adaptadas á scena portugueza por Silva Pessoa.

Não sabemos se foi em uma das épocas da Associação, ou se em outra mais remota, que aconteceu o seguinte caso deveras engraçado.

Havia um actor a quem de ordinario se distribuam os reis de magica e que levava até ao fanatismo o culto do *far niente*.

Todas as vezes, portanto, que tinha que ler em scena algumas palavras, recommendava ao contra-regra, que lh'as copiasse em boa letra e no papel que havia de figurar no palco, afim de lhe poupar o trabalho de decorá-las. Ora succedeu que o actor ficou de mal um dia com o contra-regra, e que este, para desforrar-se, lhe mandou para a scena um papel em branco.

O rei de magica, de chapéu de velludo constelado de lantejoulas, manto roçagante e espada cravejada de pedrarias falsas, esteve quasi a assustar-se quando abriu o papel.

Depois, sem mostrar perturbação, apresentou-o a um actor principiante, que estava junto d'elle e que fazia o papel de confidente real, e disse-lhe em tom imperativo:

— Lê tu lá, ó confidente!

O outro, muito afflicto, sem saber o modo de sair d'aquella situação critica, foi-se chegando para o ponto, a ver se ouvia as palavras que o homeminho lhe atirava do interior da cupula, em voz muito alta.

O publico no entretanto exasperou-se e deu uma pateada no triste confidente.

O rei, como se nada fosse com elle, media a scena a passos largos, fazendo tinar com arrogancia a espada e apparentando ares de triumpho.

O machimismo d'estas peças era ás vezes complicado. No ultimo quadro da *Torre suspensa*, magica de Silva Pessoa, havia uma explosão, e a torre, que dava o nome á peça, ia pelos ares, juntamente com um personagem que lá estava e que era desempenhado pelo actor Pinto de Campos. Uma noite, tres dos cordeis que içavam a parte superior da torre rebentaram e o actor daria uma queda terrivel se, com uma arte gymnastica de que se julga hoje incapaz, não dêsse logo um salto formidavel, indo cair nos braços de um carpinteiro, homem forcoso, que o esperava no ordimento.

Tambem deu excellente resultado para a Associação outro genero dramatico: o das peças de costumes populares. Teve a primazia, entre estas, a intitulada *Intrigas no bairro* e qualificada pelo seu auctor, o sr. Luiz de Araujo, como parodia ás operas comicas. Subiu a afamada comedia á scena a 24 de outubro de 1864, em beneficio da graciosa actriz Luiza Leopoldina Fialho, que foi por muito tempo a artista predilecta da platea da Rua dos Condes.

Os papeis das *Intrigas no bairro* tiveram a seguinte distribuição: Bento, gallego, Faria; Jacin-

tho, sapateiro, Queiroz; Gregorio, barbeiro, Capistrano; Mathias Bulhões, cabo geral, Cypriano; Manoel, soldado do 7 de infantaria, Carlos d'Almeida; Um *fajista*, Pedro de Sousa; Um *correio*, Amado; Rita, peixeira, Luiza Fialho; e Joana, vendedeira de melancias, Luiza Candida.

A peça tem dois actos e conservou-se muito tempo em scena, chamando numerosa e escolhida concorrência ao theatro.

Escripta n'um verso que talvez attende mais á fluencia da dicção do que ás estrietas regras da metrificação, tem a qualidade de ser um quadro de costumes populares bem observado.

Os actores conhecendo perfeitamente os typos imaginados e realisados pelo auctor, interpretaram os seus papeis admiravelmente, de sorte que o publico não se cansava de applaudir aquella série de scenas naturaes e chistosas. As vezes o sr. Luiz d'Araujo tinha de sacrificar ás conveniencias scenicas a verdade, mas a platea não lhe pedia contas severas por isso, e nunca lhe perguntou o motivo por que os sapateiros das suas peças trabalhavam sempre no meio da rua, no que eram imitados pela maior parte dos personagens creados pelo mesmo auctor, os quaes só por excepção estavam alguns minutos dentro de casa.

Outra comedia do sr. Luiz de Araujo, pertencente a este genero e representada com exito no mesmo theatro, alguns annos mais tarde, é a denominada *Dois dias no Campo Grande*.

No tempo da Associação fez tambem época na Rua dos Condes a *Luizinha leiteira* e o *Descasca milho*, peças de costumes saloios, bem como as outras, em que figuravam os personagens assim chamados, e que eram escriptas pelo ensaiador e ponto do theatro, o sr. Pedro C. d'Alcantara Chaves.

Egualou-as no agrado a comedia *Isidoro o Vaqueiro*, imitada do francez pelo sr. J. Augusto d'Oliveira. Um actor chamado Souza teve no papel de Isidoro o seu primeiro e ultimo triumpho, tanto que o ficaram chamando d'ali em diante o *Souza vaqueiro*.

Entravam tambem no repertorio muitos dramas pesados, vulgarmente chamados *dramalhões*, e, uma ou outra vez, alguma peça mais litteraria, como é por exemplo a comedia em 3 actos *Anjo Maria*, original do mallogrado escriptor Antonio Cesar de Vasconcellos e representada com grande applauso em 1857.

Entre os *dramalhões* poderemos mencionar *A restauração de Portugal*, peça em 5 actos e muitos mais quadros, original dos srs. J. Duarte d'Almeida Araujo e Costa Braga.

O primeiro d'estes escriptores, era despiadado para com os interpretes da sua obra.

Uma vez, achando-se na plateia a assistir á representação, viu que um dos actores estava adulterando completamente o seu papel. Araujo levantou-se logo e voltando-se para os mais espectadores, bradou:

— Fiquem v. s.ª sabendo que eu não escrevi os disparates que o actor F. está para ali a dizer.

Tantas fez, que a empresa viu-se na necessidade de vedar-lhe a entrada na sala de espectaculos. Araujo mandava então, por terceira pessoa, comprar um bilhete da varanda e muito embuçado n'um chale-manta, e levando ao collo uma cadelinha que muito prezava, ia ver do *paraiço* o seu drama.

Corre ácerca de Almeida Araujo outra anedota, que merece contar-se:

Uma noite representava-se na Rua dos Condes uma peça do excentrico dramaturgo Dois espectadores que estavam n'um camarote puzeram-se a patear desesperadamente. Interveio a policia, prendendo os dois sujeitos, por alterarem a ordem do espectaculo, e levou-os para a estação da guarda municipal, então existente á entrada do Passeio Publico.

Almeida Araujo apenas soube do caso enfureceu-se extraordinariamente e correu logo á estação. Chegado ali fez um discurso em que demonstrou o direito que os dois espectadores tinham de patear — direito que elle, Araujo, exerceu por vezes até contra as suas peças!

O cabo deixou-se persuadir, e os sujeitos foram soltos. No dia seguinte lá saltaram os dois á Rua dos Condes e fizeram ao seu libertador uma ovação enorme.

No outomno de 1866 foi o theatro olugado pela Associação ao sr. Francisco Palha, que ali deu uma série de peças magnificas, desempenhadas pelos notaveis artistas que tinham n'aquelle anno deixado de fazer parte da companhia do theatro de D. Maria e que nos fins do anno immediato foram inaugurar o theatro da Trindade.

Depois da Associação houve successivamente na Rua dos Condes as seguintes empresas: Villar Coelho; Pinto Bastos e actor Brandão; actor Bran-

dão, Lopes Cardoso e José Monteiro Torres; José Monteiro Torres e Ernesto Desforges; Sousa Bastos; José Joaquim Pinto e actor José Carlos dos Santos; José Joaquim Pinto, e J. Salvador Marques da Silva.

Nos ultimos annos deram grandes receitas ao theatro as revistas do anno. A primeira da série denominava-se *Coisas e loisas*. Referia-se aos acontecimentos politicos de 1878 e tinha dois actos. Os seus auctores, os srs. Sousa Bastos e Baptista Machado, não se valeram de rodeios ou ambages ao fazer allusões ás pessoas que a politica puzera em evidencia n'aquelle anno.

A scena que mais agradava e que era quasi sempre repetida bastantes vezes, tinha por unica figura um actor que tratava de imitar no vestuario e caracterisação o sr. barão do Rio Zezere, que então commandava a Guarda Municipal e que tinha alcançado um renome não muito sympathico entre o povo de Lisboa, em consequencia de certas medidas de repressão por elle tomadas.

A scena era isto pouco mais ou menos: ouviavam-se estalos de chicote entre os bastidores, a orchestra tocava em surdina a aria do general Bum, os personagens que estavam no palco fugiam espavoridos, e apparecia um homem de grandes botas á Fredenco, esporas e casaco de alamares, que percorria a scena com enormes passadas. Chegando ao proscenio, soltava como que um rugido e dizia com voz encatarrhada de velho militar:

— Ninguem! Nem uma mulher que eu atirasse de pernas para o ar!

Repetia depois o mesmo jogo de scena da entrada, e sahia no meio de um delirio de bravos e de palmas.

O publico só parava de applaudir quando a scena havia sido repetida seis ou sete vezes.

Semelhante exito introduziu n'este genero de peças uma pratica detestavel, a da allusão directa, que de anno para anno se accentuou mais.

Outra revista obteve grande resultado. Foi a de 1880, escripta por um moço de talento, o sr. Antonio de Menezes, que assigna com o pseudonymo de Argus as graciosas gazetilhas publicadas diariamente em dois jornaes de Lisboa. Deu-se pela primeira vez em 19 de fevereiro de 1881 e teve não menos de 123 representações.

A ultima epocha theatral da Rua dos Condes foi a de 1881 a 1882. Alcançaram maior exito durante ella a revista do anno *Antonio Maria*, original de Argus, e os dramas *A taberna*, vertido pelo actor José Carlos dos Santos do *Assomoir* de Zola e Busnach, o *Noventa e tres*, traduzido pelo distincto poeta Fernando Leal, da obra theatral extrahida por Paulo Meurice do romance *Quatre vingt treize* de Victor Hugo. Foi esta a ultima peça que se ensaiou no theatro de que tão longamente temos tratado.

Havendo a camara municipal de Lisboa resolvido alargar a rua dos Condes, ficou decidida ao mesmo tempo a destruição da casa de espectaculos que d'ella tirava o nome.

A ultima recita ali havida foi a 20 de maio de 1882 e em beneficio dos actores Francisco Alves Roque e João Antonio da Costa. O espectaculo compoz-se de comedias e operetas em um acto. Fechou-o a parodia *Sinos de Corneville*, desempenhada pelo beneficiado Costa e pela actriz Guilhermina de Macedo. Houve uma coincidência curiosa. As ultimas palavras que se dizem nos *Sinos de Corneville* são «*Olé se sou*», ás quaes se segue a copla final. Com ellas cessou o velho pardiouro a sua carreira artistica. Foi aquelle o ultimo *calembourg* da Rua dos Condes, que tanto vivera á custa d'elles.

Dias depois começaram as picaretas a demolir as antigas paredes do edificio, as quaes resistiram tenazmente, apesar de serem mais que centenarias.

N'esta demolição houve uma peripecia, por alguns jornaes qualificada de dramatica. Uma chronica publicada em 31 de janeiro d'este anno no *Diario da Manhã* referia-se, nas seguintes palavras, ao acontecimento succedido na vespéra d'aquelle dia:

«De toda a parte corria gente ao lugar d'onde de repente se erguera um hymalala de poeira. Corri tambem. O theatro da rua dos Condes, o resto, o palco, que sobrevivera ao assalto rapido da picareta municipal, acabava de se estatelar no chão, como um macho ruim depois de longa jornada.

«A Rua dos Condes exhalava o seu ultimo suspiro, ali, aos meus olhos, com um estrondo, em que pareciam rugir em molho todos os echos das suas ruidosas ovações, com uma poeira, que parecia ser o total do lixo accumulado durante todo o seculo da sua existencia, nas suas platéas muito mais frequentadas pelo publico do que pela vas-soura.

«O theatro da rua dos Condes parecia estar á espera da minha passagem, para desabar terrivel. A sua longa agonia terminou por fim.

«Era uma vez Rua dos Condes, e ao sumir-se nas sombras do passado, ergueu-se do chão uma enorme nuvem de fumo, como se erguia dos seus alçapões de magica quando o diabo vencido finalmente era levado para as profundezas do inferno e da arrecadação.»

A demolição proseguiu depois sem mais peripecias notaveis. Se passasse por ali, um ou dois mezes mais tarde, algum dos actores ou actrizes que n'aquelle theatro começaram a sua vida artistica — taes como Pinto de Campos, Leoni, Eloy, Salazar Montedonio, Marcellino Franco, Pereira, Carlos d'Almeida, Posser, Francisco Costa, Camillo, e Luiza Fialho, Felicidade, Carlota Velloso, Maria da Luz e Maria Joanna, — e espreitasse por entre as taboas, que em redor das obras de demolição formavam um mal fechado tapume, veria quasi nivelado com o sólo o antigo pardieiro, e talvez, ao recordar as noites de alegria e de triumphos que ali vivera, sentisse rebentar dos olhos uma lagrima de saudade pelo pobre morto.

Hoje, no local em que existiu a construcção durante quasi cento e cincoenta annos, está armado o barracão denominado Theatro Chalet, cujo dono ainda explora o renome do velho colyseu, escrevendo as palavras *Rua dos Condes* em grandes letras no seu cartaz. E o caso é que o publico lá acode, em chusma, todas as noites.

Porque se não ha de aproveitar aquelle sitio para um theatro popular? Que necessidade haverá em fazer a rua dos Condes muito larga, se é só destinada a dar serventia á estreita rua das Portas de Santo António?

A estas perguntas podem responder os nossos edis.

Resta-nos agora o despedirmo-nos dos leitores, sollicitando-lhes desculpa por havermos tanto tempo abusado de sua benevolencia.

Maximiliano d'Azevedo.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

(Continuado do n.º 179)

LIII

Eis um bello calix da collegiada de Guimarães (n.º 183). A fórma é a do typo do n.º 6, etc. — É de prata dourada; tem a copa lisa e quasi conica; o nó porém, em vez de ser mais ou menos esferoidal, é horizontalmente hexagonal, terminando superior e inferiormente em duas pyramides hexagonaes, truncadas, muito achatadas. Em todas as faces é este nó ornado de arabescos, molduras e esmaltes, e liga-se, tanto ao pé como á copa, por duas molduras que formam dois muito baixos prismas, tambem hexagonaes. O pé, descendo em curva, termina em base muito larga, fórma tambem seis faces, que pela aresta de junção de cada duas chegam ao extremo da base, mas na parte larga fecha em angulo curvilíneo reintrante, formando como que seis gomos, ou pontas de escudo, ligado entre si por outras de volta circular, apresentando em projecção horizontal a figura de seis folhas de louro unidas pela base e metade dos bordos, e reunidas em um todo pela manieira já dita, tudo ornado de lavores e esmaltes e bustos de santos. A patena, menos ornada, mas dividida em circulos concentricos, entre dois dos quaes ha um ornato de seis semicirculos, na direcção dos extremos dos tres diâmetros, encerra dentro do circulo mais reintrante em esmalte a figura do padre eterno. É do seculo XIII e de execução muito perfeita.

Ainda do seculo XII apparece uma placa (n.º 184) que se acha separada de outra peça a que pertenceu. É de cobre esmaltado, com a imagem de Christo.

LIV

Passando ao que se encontra n'esta sala dos seculos XIV e XV, enxergamos primeiro uma cruz processional de cobre de estylo hispano-arabe. Tem de altura 0,63, e gravadas nas duas faces varias ramagens e ornatos geometricos, como é de uso nos artefactos d'aquella procedencia. Parece dos fins do seculo XIII ou principios do XIV.

O n.º 22 é uma cruz processional de cobre dourado. Do cabo, ou manga, sae uma parte esferoidal, que fórma como que o nó da cruz. A sua superficie apresenta seis medalhões circulares e planos, que em esmalte representam alguns santos. Sobre este levanta-se a cruz, de fórma caprichosa, alargando-se em cada extremidade, de modo que parece formar quatro molduras para retabulos, em cada um dos quaes, tanto anterior como posteriormente, se veem imagens de santos e outros baixos relevos. Na haste da cruz tambem ha um alargamento semelhante, no qual de um lado está a imagem de Christo crucificado e do outro a de S. João. O caracter bysantino das figuras e ornatos d'esta peça, parece fazer-lhe attribuir maior antiguidade, comtudo a commissão classificou-a do seculo XIV.

No cofre de prata rebatida (n.º 28) em parte dourada, veem-se as armas da cidade de Lisboa, um galeão com dois corvos, um á proa, outro á popa; tem de altura 0,25, com algumas molduras e base moderna. Por causa das armas da cidade e do tempo a que pertence, seculo XIV ou XV, merecia ser restaurado este artefacto que pertence á Sé de Lisboa.

A cruz processional da freguezia de Gaula, da Ilha da Madeira, com quanto se não possa comparar com a sua conterranea da Sé do Funchal, que descrevemos a pag. 147 e 148 do nosso 5.º volume, ainda assim é interessante. É de prata dourada, terminando nas extremidades em fórma de flor de liz. A figura é de prata branca. A base de fórma hexagonal é muito bella, representando um castello com seis gigantes e corcheus de estylo gothico. Tem de altura 0,70 e é do fim do seculo XIV ou seculo XV.

Outra do mesmo estylo e do mesmo tempo mas mais ornamentada é a da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães. As extremidades tambem terminam em flor de liz. A base em lugar de um, é formada por dois castellos sobrepostos, sendo o primeiro guarnecido de plastras terminadas em corcheus. O que distingue esta da anterior, além de outras coisas, é o ser muito coberta e revestida de ramos de carvalho. É mais alta que a antecedente pois mede 0,82.

LV

Vejamos duas cruzes que se acham um pouco distantes e que tem muita similhaça, são as da Freguezia de Montelavar e a da confraria do Sacramento de Bellas (n.º 135 e 102). Comquanto a primeira seja muito mais historiada e tenha muito mais trabalho, a fórma e os accessorios são quasi do mesmo molde, e parecem do mesmo artista.

As hastas da de Bellas terminam em flor de liz como as da de Montelavar, mas as d'estas são lavradas em escamas e com muitos mais floreos e arabescos. A base em uma e outra é formada por tres edificios gothicos sobrepostos, adornados de corcheus, baldaquins e arcadas, sendo como todo o resto mais exuberantemente ornado no de Montelavar. Ambos são bons modelos de simplicidade e elegancia.

(Continúa)

R.

RESENHA NOTICIOSA

ROSA BONHEUR. Esta eminente artista franceza, que ha tempos, infelizmente, se acha soffrendo de uma molestia grave, regressou a Paris. Os medicos que lhe assistem julgaram de toda a conveniencia que deixasse a sua propriedade de Bry, junto a Fontainebleau, para na capital estar mais ao alcance dos cuidados e socorros que a sciencia lhe póde prestar. Fazemos votos porque ache na capital as melhoras que todos lhe desejam.

MONUMENTO A CAVOUR. Como se sabe Roma levantou já uma estatua a Victor Manuel, e já começou os trabalhos para a erecção de outra a Garibaldi sobre o monte Janiculo; mas comprehendendo a Junta que havia uma lacuna imperdoavel, na consagração dos principaes vultos que operaram a unidade italiana, resolveu levantar outro monumento ao conde de Cavour, no sitio chamado *Prati di Castello*, em frente do novo Palacio da Justiça. O monumento, segundo foi traçado, custará cincoenta e quatro contos de réis.

LINGUA RUSSA. Em varios regimentos do exercito allemão foi aberto um curso d'aquella lingua para os officiaes. Já se vê que os prussianos se vão preparando para o que der e vier.

INSURREIÇÃO DE BELGRADO. Dizem que se renova este movimento politico, e julga-se que o rei Milán, ao principio tão aclamado, terá que pedir o

auxilio da Russia ou da Austria, o que não é das melhores couzas, nem para elle, nem para a Servia.

DUELLOS. O novo Codigo penal da Hungria condemna os duellistas na pena de cinco a dez annos de prisão.

RISTORI E A SUA ESTATUA. A camara municipal, de Cividade, cidade natal da grande tragica italiana, resolveu erigir-lhe uma estatua; começaram as obras mas o dinheiro faltou em pouco, então o *mair* (presidente da camara) teve a singular lembrança de se dirigir á propria senhora Ristori, expondo-lhe as difficuldades em que se encontrava o municipio, para concluir o monumento, e sollicitando o seu auxilio para esse fim. A senhora Ristori, com a maior singeleza do mundo, enviou-lhe o dinheiro precizo, e a estatua va ser collocada.

ANTIGUIDADES. Nas excavações a que constantemente se procede em Roma, foi descoberto, ha pouco o palacio ou casa das Vestaes, junto ao templo da Deusa Vesta. Um trabalhador que alli cavava, encontrou primeiro o troço partido de uma columna, que descoberta se achou sobre o seu pedestal, e proximo d'ella, outras duas, monumentos erigidos á memoria de tres vestaes de primeira ordem. Continuando-se as excavações descobriu-se o atrio do edificio, o quarto das vestaes, e outras partes do edificio, que permitem fazer uma idéa completa da residencia d'estas sacerdotizas da deusa Vesta, assim como o local, onde ellas de noite accendiam o lume, para conservar sempre perenne o fogo sagrado. Se tivermos espaço daremos um esboço d'este interessante monumento e suas partes.

EXPOSIÇÃO METALLURGICA. Este certamen que se realizou em Madrid, sob o titulo de *Exposição mineira e metallurgica*, distribuiu 24 diplomas de honra; 80 medalhas de ouro; 152 medalhas de prata; 113 medalhas de bronze e 68 menções honrosas, ao todo 437 recompensas. Não só foram condecorados os expositores, mas até os periodicos que concorreram para o exito da Exposição.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

HISTORIA UNIVERSAL original do dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delfin d'Almeida. Empreza Litteraria de Lisboa, editora. Fasciculo 53 de 40 paginas com duas estampas.

Este fasciculo é o ultimo da obra que completa 6 volumes, os quaes foram publicados, com a maxima regularidade, em pouco menos de dois annos. A traducção d'esta obra foi um importante serviço prestado á instrucção publica, que tem muito a lucrar com a vulgarisação d'estas e outras obras, quando ellas são tão importantes como esta.

Os 6 volumes da *Historia universal* custam réis 8:000 o que é baratissimo para uma historia universal, tornando-se ainda mais facil a sua acquisição por meio de fasciculos, para as pessoas que não possam desembolsar o custo da obra por inteiro.

Para dar melhor idéa das illustrações da *Historia Universal*, publicamos a paginas 288 uma das muitas gravuras que a adornam a qual representa *Paris incendiada pela communa*, esse facto extraordinario da historia dos nossos dias, e que está ainda bem vivo na memoria de todos.

CANTOS POPULARES DO BRAZIL, colligidos pelo sr. Sylvio Romero, professor do collegio Pedro II, acompanhados de introdução e notas comprovativas, por Theophilo Braga. Lisboa, Nova Livraria internacional editora, 96, rua do Arsenal, 96 — 1883. — Dois volumes de 8.º, o 1.º com XXXI — 286 pag. e o 2.º com 239 e 4 intercaladas contendo algumas *musicas dos cantos populares do Brazil*. Esta collecção, como todas as d'este genero, tem, além da importancia litteraria a ethnographica: comtudo n'este caso como não ha duvida sobre as origens da nacionalidade brasileira, e d'onde partiram os elementos que colonisaram e povoaram o Brazil, a sua importancia fica assim muito reduzida. D'esta collecção vê-se que todos os cantos populares portuguezes são alli communissimos, e que os exemplares colligidos no Brazil, salvo um ou outro que ainda não foi encontrado em Portugal, ou que encerra alguma variante aproveitavel, apresentam em geral, varias adulterações, pela maior parte inaproveitaveis, isto quanto aos romances. Quanto ás cantigas, parlendas, orações, etc. dão-nos quasi todas as que estão recolhidas nas varias collecções portuguezas. O que ha de mais curioso são as transformações na linguagem mestiça, e algumas cançõesinhas originaes brasileiras, quasi sempre muito curtas, e al-



PARIS INCENDIADA PELA COMMUNA — GRAVURA EXTRAHIDA DA «HISTORIA UNIVERSAL» DO DR. JORGE WEBER, TRADUÇÃO DE DELFIN D'ALMEIDA, EDIÇÃO DA EMPRESA LITTERARIA DE LISBOA

gumas vezes mescladas de estribilhos um tanto selvagens. Talvez que se a publicação d'este trabalho fosse retardada alguns annos, para, por meio de novas collações se corrigirem alguns textos, ou se additar a parte mais original, ella ganhasse muito. Comtudo recebamol-a tal qual nos a apresenta o seu collecter muito nas boas horas, e esperemos confiadamente novos fructos de sabor e prestança de quem trabalha com afan e bons desejos.

DOCUMENTOS INEDITOS colligidos por Rodrigo V. d'Almeida, official da Bibliotheca real da Ajuda, Porto, typ. Elzeviriana, MDCCCLXXXIII. E' este o fasciculo n.º 2 de uma colleção intitulada *Historia da Arte em Portugal, estudos publicados sob a direcção de Joaquim de Vasconcellos*, e que devem dar muita luz sobre as questões de artes e as riquezas artisticas de Portugal. Pelo elenco do que encerra este fasciculo se pôde avaliar a sua curiosidade. *Thesouro do infante D. Diniz*, anno 1278; — *prata d'el-rei D. Affonso III, herança de seu filho D. Diniz*, 1279; presentes do arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa a D. João III, 1528; *da vida e obras do mesmo arcebispo*, comprehendendo: *obras na Sé de Braga, thesouro das pratas da Sé, thesouro dos estofos da Sé, titulo dos*

livros que deu á Sé, dos sinos que mandou fazer na Sé, do que fez nos paços arcebispaes, capella de Jesus na Misericordia, obras que fez nos arrebalde, obras que fez por fóra dos arrebalde e no arcebispado. Por este resumo se conhece que interesse e curiosidade não offerecem estes documentos, publicados pela primeira vez, e como é digno de animação e encomio o sr. Almeida que, na sua modesta posição, desejando ser prestadio ao paiz, consagra as suas horas livres ao estudo dos monumentos archeologicos d'elle, com amor e sinceridade. O fasciculo fecha por um glossario e notas illustrativas.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS. Terceiro anno, nona serie, 1883, David Corazzi, editor, Empresa Horas Romanticas; Administração, 40, Rua da Atalaya, 52, Lisboa. Filial no Brazil, 40, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro, n.º 67.

Moral, coordenada segundo o programma official para ensino dos estudantes de philosophia racional e uso dos concorrentes ao magisterio primario. Não se podendo fazer em breves palavras a critica de tal assumpto, limitamos-nos apenas a indicar que está tratado com simplicidade e clareza, e que o seu estudo é de vantagem para todos.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antececente: Não serás abastado se primeiro não fóres honrado.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIANA — LISBOA

AOS NOSSOS ESTIMAVEIS ASSIGNANTES

O OCCIDENTE, concluindo hoje o seu 6.º volume, dá-nos a satisfação de termos vencido as difficuldades enormes que no nosso paiz tem feito parar a meio do caminho muitas outras publicações do mesmo genero.

Essas difficuldades que são bem conhecidas de todos que se interessam pelas letras portuguezas, tem principalmente a sua origem na indifferença do publico, indifferença que a boa leitura ainda não conseguiu de todo vencer.

Esta difficuldade é ainda aggravada pela invasão de publicações estrangeiras illustradas, que embora não tenham para o paiz o interesse de uma publicação puramente nacional como o OCCIDENTE, attrahem comtudo pela modicidade do seu preço o leitor menos exigente, que não sabe ou não quer discriminar a differença que existe entre uma publicação nacional, que o pôde interessar, que representa uma produção propria, que progride, que se confronta com as dos outros paizes, que mostra os progressos das artes e das letras na nossa terra, e as publicações que vem lá de fóra, escriptas em lingua que elle mal ou nada percebe, e que o attrahe simplesmente pelas gravuras que encontrará por ventura em alguns livros da sua bibliotheca, gravuras e jornaes, que lhe não fallam de Portugal, dos seus homens e das suas coisas.

O OCCIDENTE entretanto, graças á sua originalidade e á intelligencia dos seus assignantes, tem caminhado incolume atravez de todos os obstaculos e vae entrar no seu 7.º anno, animado pela boa acceitação do publico, diligenciando quanto possivel bem corresponder-lhe.

A impressão do OCCIDENTE, confiada hoje á Typographia Elzeviriana é uma garantia segura da sua execução, pois que é feita em machina especial, que junta ao bom pessoal, lhe permite rivalisar com as melhores impressões do estrangeiro.

Por ultimo testemunhamos aqui mais uma vez o nosso reconhecimento aos nossos estimaveis assignantes, á imprensa portugueza e brasileira e ao publico em geral, que tão bem nos tem acolhido.



A EMPRESA.